

Enid Blyton

AS GÊMEAS

Catarina no Colégio
de Santa Clara

1. ONDE ESTÁ A PATRÍCIA?

A Isabel O’Sullivan e a prima Alice estavam sentadas no café da estação, a beber chá e a comer *croissants* com doce, enquanto aguardavam o comboio que as levaria de volta ao colégio de Santa Clara.

– A minha mãe trouxe-nos cedo demais – queixou-se a Isabel, aborrecida com a companhia da prima e desejosa de que aparecesse mais alguma colega do terceiro ano.

– A culpa foi minha – admitiu timidamente a Alice.

– Achei que o teu relógio da cozinha estava atrasado. Desculpa.

Às tantas, a Isabel olhou pela janela e ficou logo mais animada – aproximava-se um grupo de raparigas vestidas com a tão familiar farda de Santa Clara. Infelizmente, eram finalistas e nem se dignaram a olhar para as duas alunas mais novas, o que as fez sentirem-se insignificantes.

– Vou ter imensas saudades da Patrícia – suspirou, pela quinquagésima vez, a Isabel.

– Mas tens muitas amigas no terceiro ano, e, daqui a duas semanas, a Patrícia estará de volta ao colégio – observou a Alice com uma sensatez louvável, embora rara nela.

A Isabel sabia que a prima tinha razão, mas nem isso a animava. A Alice não compreendia o que era ter uma irmã gémea, alguém com quem se partilha tudo, até pensamentos e sentimentos... e muito menos o que era estar tão próximo de outra pessoa. A Isabel detestara despedir-se da irmã, e a Patrícia detestara ver a Isabel partir sem ela.

– Prometes que escreves? – perguntara-lhe a Patrícia naquela manhã. – Quero receber pelo menos uma carta por semana com todas as novidades!

– Está prometido! Só é pena que não me possas responder – lamentara a Isabel, olhando para o gesso no braço direito da irmã.

– Não te preocupes com isso, Isabel – sossegara-a o Sr. O’Sullivan. – A Patrícia pode ditar-me as cartas: serei o seu secretário oficial!

As gémeas riram-se, mas, quando chegou a hora de se despedirem, tinham os olhos marejados de lágrimas.

– Vá, temos de ser razoáveis – dissera perentoriamente a Patrícia, vendo a irmã com o queixo a tremer. – Não tarda estaremos outra vez juntas. Além disso, se começarmos a chorar, a Alice não se aguenta. Sabes o quanto ela adora uma boa choradeira!

A Alice rira-se da provocação da prima e dera-lhe um beliscão no braço que estava bom, o que ajudou a aligeirar a despedida. Mas, ainda assim, a Isabel saiu de casa

macambúzia – não seria a mesma coisa regressar a Santa Clara sem a irmã!

– Olha lá, Isabel! Aquelas não são a Tó e a Joana? – perguntou, de repente, a Alice.

– Sim, e a Ilda vem com elas! – exclamou a Isabel, esquecendo por momentos as tristezas. – Anda daí, Alice! – decidiu, levantando-se tão bruscamente que quase derrubou a mesa.

As duas raparigas correram ao encontro das colegas.

– Tó! Joana! Ilda! – chamaram. – Olá! Esperem por nós!

As outras três voltaram-se e ficaram encantadas quando viram as amigas.

– Olá, Isabel! Olá, Alice! Que saudades!

– Que tal foram as férias?

– É tão bom regressar ao colégio, não é? Onde está a Patrícia?

– Partiu o braço – explicou a Isabel, tristonha. – Como é o direito e não consegue escrever, a nossa mãe acha que não vale a pena ela voltar já para o colégio.

– Grande azar! – lamentou a Ilda. – Como é que lhe aconteceu isso?

– Teve a triste ideia de subir à casa na árvore que o nosso pai construiu quando éramos pequenas – contou a Isabel, a rir. – Eu avisei-a de que o ramo não ia aguentar o peso, mas ela não me ligou.

– Ui! Coitada! – compadeceu-se a Tó.

– Parece-me um comportamento pouco próprio para uma aluna do terceiro ano! – comentou a Joana, fingindo-se

indignada. – Mas, agora a sério, tenho imensa pena da Patrícia. Quando é que ela volta?

– Daqui a duas ou três semanas, segundo o médico – respondeu a Isabel. – Por isso vão ter de me aturar até lá.

– Bem, como é por pouco tempo, acho que aguentamos – provocou a Tó. – Olhem, vem aí a Jacinta Mills!

As outras olharam na direção da aluna do sexto ano, que se aproximava com um sorriso rasgado.

– Olá, meninas! – cumprimentou-as, bem-disposta. – Já sabem que vou ser delegada das alunas, além de delegada de desporto? Se tiverem algum problema, podem contar comigo!

– Obrigada, Jacinta! – agradeceram timidamente as alunas do terceiro ano.

Todas elas tinham grande admiração e respeito pela rapariga mais velha.

– Apesar de já parecer muito adulta, a Jacinta é sempre amorosa e gentil – comentou a Ilda, quando a nova delegada das alunas se afastou. – É fácil confiar nela, e sinto que nos dará todo o apoio de que precisarmos.

As outras concordaram com ela.

– Olhem, ali vai uma finalista que é tudo menos de confiança – disse a Joana. – É a Margarida Winters.

As colegas voltaram-se para ver a aluna do sexto ano. Era uma rapariga bonita, de cabelo preto muito liso, à altura do queixo, olhos de um invulgar tom violeta e umas maçãs do rosto bem definidas que lhe davam uma aparência exótica. A julgar pela altivez, preparava-se para passar

pelo grupo de alunas do terceiro ano sem dizer palavra, mas pareceu mudar de ideias quando reparou no ar embevecido com que a Alice a olhava:

– Olá, Alice! – cumprimentou com um sorriso encantador. E afastou-se logo em seguida, dirigindo às restantes raparigas um ligeiro aceno de cabeça.

– Uau, Alice! – exclamou a Ilda. – Deves sentir-te honrada! A Margarida Winters deu-se ao trabalho de cumprimentar uma simples aluna do terceiro ano!

A Alice não respondeu à provocação: ficou em silêncio, a contemplar a figura majestosa da colega mais velha que atravessava a plataforma.

– Acho que a tua prima já arranjou alguém para idolatrar neste período – troçou a Tó, dando uma cotovelada à Isabel. – Ó Alice, não me digas que vais ter uma daquelas fixações tontas pela Margarida Winters.

A Alice sabia que as colegas troçavam da sua tendência para venerar sempre as «pessoas erradas», como elas diziam, e ficou logo à defesa:

– Não é nada disso – garantiu, corando. – Mas é natural que eu a admire: ela é muito bonita, elegante e confiante!

– Só é pena que não tenha um caráter à altura da aparência! – ripostou a Joana.

– Não devias dizer uma coisa dessas! – protestou a Alice. – Não sei o que é que vocês têm contra ela.

– A Margarida é falsa e má! – acusou a Ilda. – No período passado obrigou uma das alunas do primeiro ano a

decorar um trecho enorme de uma obra de Shakespeare e a recitá-lo em voz alta só para se divertir às custas dela.

– Fez muito bem! – argumentou a Alice. – Algumas daquelas miúdas são umas convencidas e precisam de aprender a respeitar as finalistas.

– Não vale a pena perderes o teu tempo – sussurrou a Isabel, ao ver que a Ilda se preparava para responder. – Quando a minha prima decide idolatrar alguém, não há nada a fazer. Quanto mais mal disseres da Margarida, mais a Alice vai defendê-la.

– Sim, tens razão – admitiu a Ilda. – Olhem, aquele é o nosso comboio, não é? É melhor tentarmos arranjar bons lugares, antes que comece a confusão. Venham!

As outras seguiram-na pela plataforma, mas, a meio do caminho, a Joana parou.

– O que é que estará a acontecer ali? – perguntou, dando uma pancadinha no ombro da Tó. – Parece uma discussão.

Não muito longe delas, viam-se duas raparigas, frente a frente, com as mãos na cintura e expressões carrancudas que deixavam adivinhar uma acesa troca de palavras. Os pais tentavam a todo o custo acalmá-las e pareciam muito envergonhados com a situação.

– Aquelas duas devem ser simpáticas – comentou a Tó, num tom irónico. – Calculo que sejam irmãs, embora não as ache nada parecidas.

E tinha razão: uma das raparigas era loura e gordinha, a outra era morena e magra.

Nisto, a professora Jenks, a diretora de turma do segundo ano, aproximou-se numa passada determinada e dirigiu-se aos pais das raparigas. As duas irmãs calaram-se no mesmo instante, impressionadas com o tom autoritário e com o ar distinto da professora.

– Acompanha-me, Helena, vou apresentar-te às alunas do segundo ano – disse a Sra. Jenks à rapariga loura. Depois reparou na Joana e fez-lhe sinal. – Joana, apresento-te a Amanda Wilkes, que vai ficar na turma do terceiro ano. Toma conta dela, está bem?

– Com certeza, professora Jenks – respondeu a Joana, muito orgulhosa.

A Joana iria ser delegada de turma naquele período e estava satisfeita por poder ajudar a nova colega a integrar-se – afinal, essa era uma das suas funções. Esperou pacientemente que as duas raparigas se despedissem dos pais e depois levou a Amanda consigo, enquanto a Helena se afastava com a Sra. Jenks.

– As outras já entraram no comboio – disse, dando-lhe amistosamente o braço. – Vamos ter com elas e eu apresento-te a toda a gente.

As alunas do terceiro ano observaram com interesse a nova aluna quando a viram entrar na carruagem, acompanhada da Joana. Parecia um tanto ou quanto perdida, e a Isabel sorriu-lhe amavelmente: sabia que não era fácil entrar para um colégio novo, onde toda a gente já se conhecia.

– Esta é a Amanda Wilkes – apresentou a Joana.
– Amanda, estas são a Isabel, a Alice, a Ilda e a Tó.

– Muito prazer, Amanda – avançou a Ilda. – É a primeira vez que estás num colégio interno?

– É – respondeu a Amanda. – E queria muito entrar em Santa Clara. Só tenho pena de que a Helena também tenha vindo. Vai estragar tudo!

As outras olharam para ela, espantadas: não era nada simpático dizer-se uma coisa daquelas sobre a própria irmã. A Isabel não conseguia sequer imaginar que algum dia pudesse sentir o mesmo em relação à Patrícia.

– Pensei que para ti fosse mais fácil adaptares-te com a tua irmã por perto – comentou.

– A Helena não é minha irmã – declarou a Amanda, visivelmente horrorizada com a ideia. – Nós não somos da mesma família.

– Ah! – exclamou a Tó. – Como vos vimos juntas com aquele casal, deduzimos que eram irmãs.

– Ela é filha do meu padrasto – explicou a Amanda. – Eu era bebé quando o meu pai morreu, e a Helena também perdeu a mãe muito cedo...

– Depois a tua mãe e o pai da Helena conheceram-se e apaixonaram-se – concluiu a Joana.

– Sim – confirmou a Amanda, com tristeza. – Casaram-se há alguns meses.

– Não pareces nada contente com isso – observou a Alice. – Não te dás bem com o teu padrasto?

– Dou-me lindamente com ele: é muito querido comigo – garantiu a Amanda. – E a Helena adora a minha mãe. Nós as duas é que não nos suportamos!

A rapariga calou-se de repente e olhou em volta para as novas colegas:

– Que disparate! – exclamou, dando uma gargalhada envergonhada. – Só vos conheço há cinco minutos e já estou para aqui a contar-vos a história da minha vida. Devem achar-me detestável!

– Bem, nós somos tão boas pessoas, que ninguém resiste a fazer-nos confidências – brincou a Tó, fazendo rir toda a gente.

– E foi uma ótima maneira de quebrar o gelo – acrescentou a Joana. – Agora és uma de nós e podes contar-nos tudo o que quiseres. Prometemos guardar segredo!

– Oooh, muito obrigada! – agradeceu a Amanda, feliz por se sentir aceite por um grupo de raparigas tão simpáticas. – Sabe muito bem desabafar. O meu padrasto é um homem muito rico e estragou a Helena com mimos. Sempre a deixou fazer tudo o que queria. Além disso, ela é uma *snoob* de primeira!

– Não te preocupes. Santa Clara baixa-lhe a crista – riu-se a Isabel.

– Sim, as alunas do segundo ano vão pô-la no lugar num instantinho! – garantiu a Ilda. – Espera para ver, Amanda: dentro de algumas semanas, a Helena vai ser uma pessoa muito mais simpática!

